



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Tipos e estruturas de textos na ótica da organização e recepção de informações

Nair Yumiko Kobashi

Como citar: KOBASHI, N. Y. Tipos e estruturas de textos na ótica da organização e recepção de informações. *In:* FUJITA, M. S. L.; ALVES, R. C. V.; ALMEIDA, C. C. (org.).

Modelos de leitura Documentária para Indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 93-116.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-07-1.p93-116>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

4

TIPOS E ESTRUTURAS DE TEXTOS NA ÓTICA DA ORGANIZAÇÃO E RECEPÇÃO DE INFORMAÇÕES

Nair Yumiko KOBASHI

RESUMO: Apresentação de metodologia de elaboração de informações documentárias (resumo e indexação) fundamentada nas abordagens sobre tipos de textos e discursos, e sua interpretação, desenvolvidos na área das Ciências da Linguagem. Adota-se a perspectiva de tipologização (descritivo, narrativo expositivo e dissertativo) proposta pela Linguística textual. Os tipos de textos são, em seguida, descritos e esquematizados em constituintes. Tal esquematização permite delinear uma metodologia de análise de textos tendo como horizonte as ações de informação próprias da Ciência da Informação. Sob essa ótica, propõem-se formas de condensar textos e representá-los, cujo parâmetro mais importante é a interpretação orientada pela intencionalidade, fator básico para garantir equivalência de conteúdo entre texto de partida e resumos e índices.

PALAVRAS-CHAVE: Análise documentária. Tipos de textos. Informação documentária. Elaboração de resumos. Indexação.

ABSTRACT: Presentation of a methodology to elaborate documentary information (abstracting and indexing) based on the approaches on types of texts and discourses, and their interpretation, developed in the area of Linguistics and Semiotics. It was adopted the classification of texts (descriptive, expository and narrative narrative) proposed by Textual linguistics. The types of texts are then described and schematized into constituents. Such a schematization allows to delineate a methodology of analysis of texts having as

<https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-07-1.p93-116>

horizon the actions of information proper to Information Science. From this perspective, we propose ways to condense and represent texts, whose most important parameter is intentionality-oriented interpretation. This is a basic factor to guarantee equivalence between text and abstracts and indexes.

KEYWORDS: Documentary analysis. Types of texts. Documentary information. Abstracting. Indexing.

1 INTRODUÇÃO

A organização de informações, na perspectiva da Ciência da Informação, tem como tarefa central propor métodos e técnicas para elaborar informações documentárias, aqui definidas como representações condensadas de textos. A função principal da informação documentária é filtrar informação para promover a circulação e o acesso aos documentos produzidos nas várias esferas das atividades sociais. Tais representações, armazenadas em sistemas de informação, são consideradas fundamentais para responder às necessidades de informação, para se conhecer o que é publicado, tomar decisões, aprofundar saberes. Deve-se acrescentar que os conteúdos desses dispositivos vêm sendo crescentemente usados para avaliar produção científica e propor políticas de pesquisa.

Os textos, que se individualizam pelos assuntos abordados e pela forma de apresentá-los, são a matéria prima da elaboração de informações documentárias. No âmbito das ações de informação realizadas em instituições de memória (bibliotecas, museus, arquivos), os textos são representados de modo específico. De um lado, são identificados os dados que contornam o texto: o título, o subtítulo, o lugar de publicação, a editora, a data. São dados paratextuais (ou pré-textuais) inseparáveis do texto (MAINGUENEAU, 2006, p. 105). De outro, representa-se o conteúdo mesmo dos textos, ou seja, sobre o que e como o autor (individual ou coletivo) abordou um determinado tema.

Neste capítulo focalizamos, de forma especial, o conceito de texto, sua tipologia, a compreensão e interpretação desses objetos e as operações para condensá-los e representá-los documentariamente (elaboração de resumos e indexação). Não será, portanto, discutida a representação de dados pré-textuais.

A representação de conteúdos requer o auxílio de teorias e métodos que permitam transformar um objeto (o texto) em outro texto por meio de operações interpretativas específicas. Nessa perspectiva, os textos são analisados para estabelecer distinção entre informação principal e acessória; em seguida, as informações selecionadas são combinadas e convertidas em resumos ou expressos por meio de conceitos (indexação). Um fato que deve ser destacado, as representações documentárias são úteis se permitirem filtrar informações para oferecer respostas adequadas às demandas dos usuários.

Elaborar resumos e indexar são, muitas vezes, consideradas operações técnicas que não necessitam de procedimentos metódicos. No entanto, deve-se ter presente que essas operações são atos comunicacionais realizados no interior de instituições que têm missões específicas. Nessa medida, são também específicos os tipos de usuários e informações a serem tratadas.

Decorre do que foi dito que os textos de partida são desestruturados para hierarquizar as informações neles contidos. Os fragmentos selecionados são reorganizados sob a forma de novos textos condensados. Estes últimos são utilizados em buscas por informação em bases de dados. Inicialmente, a busca é feita por meio de termos, operação que resulta em listas de registros. Os resumos são filtros adicionais que permitem escolher, dos conjuntos obtidos, os documentos que poderão ser efetivamente úteis.

Diversas teorias e métodos podem subsidiar as operações acima apresentadas. Neste capítulo julgamos serem centrais: o conceito de texto, sua classificação, interpretação e condensação, aspectos desenvolvidos nos itens abaixo.

2 TEORIAS SOBRE A CLASSIFICAÇÃO DE TEXTOS

Apresentamos neste item, de forma resumida, aspectos das teorias e conceitos sobre a classificação de textos elaborados no campo da Semiótica e da Linguística. Estes conceitos encontram-se sistematizados em perspectiva pragmática, qual seja a sua pertinência para sustentar a elaboração de informações documentárias.

2.1 CONCEITO DE TEXTO

Neste capítulo, consideramos texto e discurso como termos sinônimos. As correntes que analisam textos ou discursos compartilham a ideia de que estes são objetos que apresentam um sentido global; não são, portanto, inscrições que se expressam pela mera justaposição de palavras ou de frases. Nessa medida, os textos definem-se por sua “autonomia e fechamento” (DUCROT; TODOROV, 1972, p. 375), características garantidas pela progressão, pela coesão e coerência (DUCROT; TODOROV, 1972). Essas propriedades referem-se às variadas formas de repetição de ideias: reiteração de pontos de vista, exemplificação, definições de termos, entre outros. São essas características que permitem condensar textos. Dito de outro modo: as reiteraões, exemplos, definições, podem ser suprimidos sem comprometer a informação substantiva veiculada pelo texto.

Adam (1989, p. 20), por sua vez, caracteriza as propriedades do texto de forma didática: “A textualidade pode ser definida como um equilíbrio delicado entre continuidade-repetição, de um lado, e progressão de informação, de outro.” Essas propriedades referem-se às variadas formas de reiteração de pontos de vista, exemplificação, definições de termos, entre outros. São essas características que permitem condensar textos. Dito de outro modo: as reiteraões, exemplos, definições, podem ser suprimidos sem comprometer a informação substantiva veiculada pelo texto.

Os objetos textuais apresentam, portanto, estruturas convencionais, socialmente construídas, aptas a comunicar ideias, experiências, histórias, descrever objetos, expressar sentimentos, convencer.

Embora os textos possam ser descritos de diferentes maneiras (oral, escrito, audiovisual), neste capítulo trataremos apenas de textos verbais escritos não-ficcionais, também chamados de textos pragmáticos (técnicos e científicos). Não trataremos, portanto, de textos literários. Justificamos, a seguir, a distinção entre texto literário e não-literário e as razões para limitar este capítulo à abordagem de textos não-literários. Semelhante distinção tem, como veremos a seguir, uma função operacional.

A função estética é o aspecto divisor de águas entre texto literário e não-literário. Outro aspecto importante é o estatuto da referência (CORTINA, 2000, p. 100). Como exposto na citação abaixo:

A demonstração da importância da função estética para o texto literário e da utilitária para o não-literário pode ser constatada ainda na afirmação de Valéry, que diz que, ao se resumir um texto não-literário, apreende-se o que ele tem de essencial, mas, ao resumir um texto literário, perde-se exatamente aquilo que é essencial para ele. (CORTINA, p. 2000, p. 102).

Por outro lado,

a distinção entre o literário e o não-literário pode ser pensada a partir da oposição entre o verossímil e o verídico. Uma vez que o verossímil corresponde à tentativa de reconstrução do referente do discurso, a utilização desse termo situa-se, por consequência, num contexto social, caracterizado por uma certa atitude com relação à linguagem e de sua relação com a realidade extralinguística. Nesse sentido, em um dado contexto cultural, a verossimilhança é característica dos discursos figurativos, enquanto a busca da verdade é um procedimento particular dos discursos abstratos, portanto temáticos. (GREIMAS, 1983¹⁸ apud CORTINA, 2000, p. 103-104).

As diferenças conceituais acima assinaladas são operacionais no contexto da organização da informação, questão que será retomada de forma específica no item 3 (Leitura e interpretação de textos: os problemas da recepção).

2.2 TIPOS DE TEXTOS

Admite-se que os estudos sobre os textos tiveram início no século XX, a partir de Saussure (1973), que criou a Linguística como campo de conhecimento. Nesta ciência, são estabelecidos conceitos fundantes, como a oposição entre língua e fala, ou seja, entre sistema linguístico e uso do sistema. Desta oposição derivam diversas abordagens de classificação de textos, dentre as quais a Semiótica, a Análise do discurso e a Linguística textual, que se desdobram em várias vertentes. Embora

¹⁸ GREIMAS, A.J. Le contrat de véridiction *In*: GREIMAS, A. J. *Du Sens II: essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983, p. 103-113.

existam diferenças entre elas, serão destacados os traços, muitas vezes comuns, que concorrem para fundamentar as operações de elaboração de informações documentárias.

Segundo a perspectiva Semiótica, o discurso é o lugar da subjetividade, um signo constituído de um plano de expressão e de um plano de conteúdo. A Análise do discurso, na concepção de Barros (1988, p. 3) deve considerar:

Três questões básicas para a concepção do discurso e sua análise:
a) a relação do discurso com a enunciação e as condições de recepção; b) o discurso como o lugar, ao mesmo tempo do social e do individual; c) a articulação entre narrativa e discurso, isto é, o discurso constituído sobre estruturas narrativas que o sustentam.

Outros autores destacam a enunciação, fato que permite classificar os textos em didáticos, polêmicos e científicos. Há ainda uma vertente que procura observar as condições históricas de produção de forma a classificá-los em três categorias: discursos lúdicos, polêmicos e autoritários. Por fim, o texto pode ser analisado do ponto de vista da organização global, ou estrutura, o que permite classificá-los em narrativos, descritivos, explicativos e dissertativos (CORTINA, 2000).

Deve-se chamar a atenção para o aspecto dominante em cada tipo de texto. Os textos não são puros, isto é, uma narrativa pode conter aspectos polêmicos, uma descrição pode apresentar enunciados narrativos e os textos dissertativos podem apresentar segmentos narrativos como recurso argumentativo.

2.3 CLASSIFICAÇÃO DE TEXTOS

Como vimos acima, a classificação de textos baseia-se em diferentes teorias e métodos. São, grosso modo, ora tipificados pela estrutura interna (descritivo, narrativo, dissertativo), pela finalidade ou pelas condições de produção, ou pelos aspectos sintáticos e semânticos (técnico, científico, didático, jornalístico, jurídico, político, etc.).

Os primeiros estudos sistemáticos sobre os “gêneros” textuais e as “partes do discurso” são atribuídos a Aristóteles. Suas ideias,

apresentadas no âmbito da Retórica, fundamentam, ainda hoje, as modernas teorias discursivas relacionadas à persuasão (CITELLI, 1989; OKASABE, 1979).

A Retórica, para Aristóteles, não se reduz a um conjunto de normas ou à oratória, mas ao esforço de “descobrir especulativamente em qualquer dado, o persuasivo” (ARISTÓTELES apud OKASABE, 1979, p. 142). É nessa perspectiva que o estagirita afirma: “Não há senão duas partes no discurso, pois é necessário dizer qual é o tema e demonstrá-lo. [...] Dessas duas partes, uma é a proposição; a outra, a confirmação. Como se tratasse de um lado, do problema e, do outro, da demonstração.” (ARISTÓTELES apud OKASABE, 1979, p. 156).

Os textos argumentativos não escapam a essa caracterização. Contudo, a esse esquema genérico - proposição/demonstração - podem-se agregar outros constituintes, de modo a caracterizar mais amplamente as variantes de um tipo.

O texto técnico-científico é, via de regra, de natureza argumentativa, elaborado com o intuito de expor metodicamente os resultados da observação de um fenômeno. Para Gardin,

[...] a expressão concreta de um raciocínio científico é o texto científico, no qual o autor expõe as operações do espírito que o conduziram da observação de certos fatos empíricos ao enunciado de proposições denominadas de forma diversa: teses, hipóteses, interpretações, comentários, conclusões, explicações. (GARDIN, 1987, p. 4).

É no interior da atividade de conhecer, portanto, que se define o texto científico canônico: uma unidade de comunicação do saber dotada de certos elementos estruturais. No âmbito das pesquisas acadêmicas esses elementos estruturais são o Tema, o Problema, a Hipótese, a Metodologia, os Resultados e a Conclusão (ASTI-VERA, 1979; BUNGE, 1973).

Quadro 1 - Estrutura do texto científico canônico

TEMA	OBJETO DE PESQUISA
PROBLEMA	INDAGAÇÃO
HIPÓTESE	CONJETURA
METODOLOGIA	OBSERVAÇÃO
RESULTADO	INTERPRETAÇÃO
CONCLUSÃO	COMENTÁRIO FINAL

Fonte: Kobashi (1994, 2008).

O Quadro 1, acima, apresenta os constituintes básicos das dissertações, teses acadêmicas, e artigos científicos publicados em periódicos e anais de eventos científicos.

Um aspecto intrínseco aos textos que visam defender ideias e opiniões é a argumentação. Podem ser identificados nestes os seguintes constituintes: **Tese** (apresentação de um ponto de vista); **Argumentos** (evidências que sustentam o ponto de vista); **Conclusão**, (confirmação do da tese apresentada).

Quadro 2 - Estrutura do texto argumentativo

TESE	PONTO DE VISTA
ARGUMENTOS	PROVAS
CONCLUSÃO	CONFIRMAÇÃO

Fonte: Kobashi (1994, 2008).

Os artigos de opinião, sejam eles publicados em jornais diários, revistas semanais de informação, ou mesmo em revistas científicas, costumam apresentar a configuração acima.

O texto denominado expositivo (FÁVERO; KOCH, 1988) é usualmente elaborado para expor algum problema (social, político, material) que necessita de intervenção. Pode ser esquematizado da seguinte forma: Problema (aspecto problemático da realidade; Causas e

consequências do problema (identificação de fatores que concorrem para a existência do problema); Solução (alternativas de intervenção)

Quadro 3 – Estrutura do texto expositivo

PROBLEMA	QUESTÃO PROBLEMÁTICA IDENTIFICADA
CAUSAS	RAZÕES QUE CAUSAM O PROBLEMA
SOLUÇÃO	RESPOSTAS AO PROBLEMA

Fonte: Kobashi (1994, 2008).

A estrutura acima é frequentemente utilizada para a elaboração de diagnósticos e relatórios técnicos para criação ou aprimoramento de serviços.

As narrativas (relatos de experiências, textos literários como os romances) podem ser olhadas com base nas categorias propostas por Lasswell (1971), constituído de 6 categorias, como segue:

Quadro 4 - Estrutura do texto narrativo

QUEM	ACTANTES/ATORES
O QUÊ	ACONTECIMENTO
QUANDO	ASPECTO TEMPORAL
ONDE	ASPECTO ESPACIAL
COMO	MODO
PORQUÊ	RAZÃO

Fonte: Kobashi (1994, 2008).

A estrutura narrativa é apropriada para relatar fatos da vida em sociedade, como as reportagens jornalísticas, para a criação de textos ficcionais, para relatar experiências pessoais ou institucionais, em prontuários de pacientes.

O texto descritivo apresenta os traços ou características de objetos, sejam eles abstratos ou concretos, expressos em duas categorias:

Quadro 5 - Estrutura do texto descritivo

REFERENTE	OBJETO DO MUNDO
CARACTERÍSTICAS	PREDICADOS/ATRIBUTOS

Fonte: Kobashi (1994, 2008).

A estrutura acima (Quadro 5), é utilizada, em geral, em manuais de equipamentos, como também para caracterizar objetos do mundo real, emoções, sentimentos.

O trecho abaixo resume os tipos de textos e respectivas ocorrências:

Assim, o tipo narrativo ocorre em romances, contos, novelas, reportagens, noticiários, depoimentos, relatórios etc; o descritivo, na caracterização de personagens e do espaço em narrativas, guias turísticos, verbetes de enciclopédias, resenhas de jogos, relatos de experiências ou pesquisas, reportagens etc; o expositivo, em manuais didáticos, científicos, obras de divulgação etc; o argumentativo *stricto sensu*, em textos publicitários, propagandistas, peças judiciais, matérias opinativas etc; o injuntivo, em manuais de instruções, receitas culinárias, bulas de remédios etc; o preditivo, em horóscopos, profecias, boletins meteorológicos e previsões em geral. (CORTINA, 2000, p. 92).

A tipificação de textos apresentada neste item não tem a pretensão de inventariar exaustivamente todas as variantes textuais. Os tipos apresentados fundamentam a possibilidade de utilizar as estruturas textuais como paradigmas para interpretá-los e selecionar dados considerados pertinentes para os fins da documentação.

3 LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS: OS PROBLEMAS DA RECEPÇÃO

A leitura, a interpretação e a recepção de textos são fenômenos estudados sob diferentes perspectivas filosóficas.

Umberto Eco, na obra “Leitor do texto literário” (1983) problematiza a leitura e a compreensão de textos com base nas relações dialéticas entre uso e interpretação (ECO, 1983, p. 62). A discussão do

autor tem como foco as possibilidades de interpretação, expressas na dicotomia leitura correta e leitura incorreta. Desenvolve estas ideias com base na tricotomia: leitura como busca da intenção do autor (*intentio auctoris*), da intenção da obra (*intentio operis*) e da intenção do leitor (*intentio lectoris*) (ECO, 1993, 2000, p. 6).

Como expõe Eco (1979), os debates sobre essas oposições, que ocorreram ao longo da história, e certamente permanecem ainda hoje, podem ser assim sintetizadas:

- a) deve-se buscar no texto aquilo que o autor queria dizer;
- b) deve-se buscar no texto aquilo que ele diz, independentemente das intenções do autor.

Só com a aceitação da segunda ponta da oposição é que se poderia, em seguida, articular a oposição entre

b1) é preciso buscar no texto aquilo que ele diz relativamente à sua própria coerência contextual e à situação dos sistemas de significação em que se respalda;

b2) é preciso buscar no texto aquilo que o destinatário aí encontra relativamente a seus próprios sistemas de significação e/ou relativamente a seus próprios desejos, pulsões, arbítrios. (ECO, 2000, p. 7).

Para Cortina (2000, p. 35), a opção **a**, acima, remete à ideia de que “interpretar um texto corresponde a tentar descobrir exatamente aquilo que seu autor pretendeu dizer.” Essa perspectiva (*intentio operis*) foi substituída, nos anos 1960-1970, pela ideia de que “[...] ler um texto significa buscar a intenção da obra, pouco importando se o autor quis dizer isso ou aquilo em seu texto. O autor é destronado e, em seu lugar, instala-se o texto [...]” (CORTINA, 2000, p. 36-37). Nesta concepção, a estrutura global do texto, isto é, os constituintes organizados segundo uma dada intenção comunicativa seria o suporte adequado para interpretar a obra. Portanto, a interpretação realizada segundo a intenção do leitor (*intentio lectoris*), subordina-se ao uso que será feito do texto.

Pode-se concluir do que foi dito que há várias possibilidades de ler e interpretar textos, porém, “[...] dizer que qualquer interpretação

de um texto é verdadeira, significa dizer que ele não tem nenhuma importância.” (CORTINA, 2000, p. 39). Assim, concorda-se com a seguinte posição do autor:

Defender que um texto tem mais de uma possibilidade de leituras não significa dizer que qualquer leitura que se produza a partir dele seja verdadeira. Uma leitura só é válida quando consegue se sustentar no próprio texto, isto é, quando é coerente com o que foi enunciado de forma explícita ou implícita. (CORTINA, 2000, p. 40).

Apresentados os aspectos teóricos da classificação de textos e as diferentes perspectivas de leitura, passamos, a seguir, à discussão da leitura e interpretação de textos no âmbito pragmático da Organização da Informação, tendo presente que:

As formas de leitura dependem, portanto, dos interesses daqueles que se põem a ler. Uma observação que se pode fazer é que o processo de interpretação do sujeito leitor será melhor toda vez que este tiver um determinado objetivo ao ler um texto. A leitura cumpre um duplo papel: informar e propiciar prazer. Dependendo, portanto, da intenção do leitor, este deverá optar por textos distintos. (CORTINA, 2000, p. 55).

4 ANÁLISE DOCUMENTÁRIA E INTERPRETAÇÃO, CONDENSAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DE TEXTOS

Antes de discutir a interpretação na perspectiva da Análise documentária, deve-se esclarecer que partimos do pressuposto de que a leitura correta de um texto depende do objetivo com que se lê. Afirmamos, também na Introdução, que a área da organização de informações tem como tarefa central propor métodos e técnicas para elaborar informações documentárias. Para realizar semelhante tarefa, admitimos que as operações intelectuais complexas, como produzir resumos e indexar, podem ser sistematizadas em métodos e regras a partir das teorias linguísticas apresentadas nos itens 2 (Teorias sobre a caracterização e classificação de textos) e 3 (Leitura e interpretação de textos: os problemas da recepção).

4.1 CONDENSAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DE TEXTOS

Segundo Stierle (1987, p. 88), do ponto de vista da Estética da recepção, a leitura do texto tem início com o “horizonte de expectativas”, do leitor, cuja continuidade pode ser caracterizada como uma “hermenêutica de perguntas e respostas” feitas ao texto a fim de condensá-los e representá-los.

As representações documentárias típicas podem ser olhadas como “traduções” condensadas do conteúdo informacional de textos. A tradução, como afirma Paul Ricoeur, “não implica apenas um trabalho teórico ou prático, mas também um problema ético. Levar “o leitor ao autor, levar o autor ao leitor” (RICOEUR, 2011, p. 49). Dito de outra maneira, a produção de informações documentárias (indexação e resumos) é um ato intencional de mediação.

As diretrizes e textos didáticos caracterizam a indexação e a elaboração de resumos, como produto de três operações intelectuais: a) análise, compreensão e interpretação do texto; b) seleção das informações principais e c) sua representação dentro de padrões estabelecidos por normas de documentação.

A indexação, por sua vez, é justaposição de palavras ou sintagmas presentes em uma Linguagem documentária (KOBASHI, 1994).

Tanto a elaboração de resumos quanto a indexação requerem a compreensão global de um texto, como vimos no item 2 (Teorias sobre a caracterização e classificação de textos). O grau de redução a que se deve submetê-los para obter um ou outro tipo de representação documentária sugere que, no caso da indexação, pode-se operar com as noções de tema¹⁹ e de estrutura temática; no caso do resumo, a noção de estrutura ou superestrutura textual poderá nortear a operação de seleção de informações.

A Linguagem Documentária, por ser um instrumento constituído por léxico reduzido e sintaxe precária, não permite a produção de mensagens com a mesma riqueza informacional dos resumos. Desse modo, para a indexação, interessa analisar o texto para determinar a sua macroestrutura²⁰, representada por palavras ou expressões, ditos descritores.

¹⁹ “O tema (ou tópico) de um ato de enunciação é aquilo sobre o qual o locutor fala, é o objeto do discurso [...]” (DUCROT; TODOROV, 1972, p. 345).

²⁰ A macroestrutura é definida como uma rede de proposições associadas hierarquicamente (VAN DIJK; KINTSCH, 1983).

4.2 TEMA E ESTRUTURA TEMÁTICA: CONCEITOS OPERACIONAIS

Como apontam as teorias sobre os textos, a compreensão), requer estratégias de leitura e interpretação orientadas para um fim (KINTSCH; VAN DIJK, 1978). No caso da Análise documentária, a leitura é uma atividade comprometida com intenções precisas de comunicação: elaborar produtos que permitam recuperar informação, ou seja, levar o texto ao leitor.

Os produtos documentários destinam-se a: auxiliar a tomada de decisões sobre a leitura ou não do documento original; dar ao leitor uma quantidade suficiente de informações, a fim de que o mesmo, em certas circunstâncias, não tenha necessidade de ler integralmente o original. Nessa perspectiva, a leitura documentária é, fundamentalmente, uma operação de hierarquização e seleção de informações. A seleção das informações é factível, apenas, com base na distinção entre informação essencial e informação acessória.

Na leitura documentária, a compreensão global de um texto requer a identificação do tema de um texto. Os temas são as ideias principais discutidas ou tratadas em um documento. Definem-se, portanto, como o foco principal de um texto e não os seus aspectos periféricos. O “tema”, portanto, é o elemento em torno do qual se estrutura a mensagem, é o seu núcleo informativo (KOBASHI, 1994, 2008).

A identificação do tema resulta de um processo de condensação semântica. García Gutiérrez e Lucas (1987, p. 47-49) propõem a utilização das perguntas conceptuais de Lasswell (Who, What, Whem, Where, Why) como método de abordagem analítica do texto de atualidade. Para Lasswell (1971) um ato de comunicação, como a informação jornalística (reportagem), pode ser expressa pelas respostas fornecidas a 5 perguntas, a saber: Quem, Diz o quê, Em que canal, Para quem, Com que efeito.

Sendo a Indexação uma operação que implica: a) análise e compreensão do texto; b) seleção das informações principais e c) representação das informações na linguagem utilizada no sistema, as duas primeiras operações (análise e seleção de informações), poderão ser realizadas por meio dos mecanismos de resposta às categorias da estrutura temática.

4.3 REPRESENTAÇÃO POR INDEXAÇÃO

A indexação tem como **objetivo** caracterizar o conteúdo de um documento por meio de uma linguagem documentária; suas **operações** básicas são: Identificar o tema do texto; elaborar um enunciado temático e representá-lo. Para a identificação do tema, lê-se o texto, tendo como parâmetros as categorias da estrutura temática, exposto no item 4.2 acima. Deve-se observar, ainda, que na indexação há uma operação final de conversão do enunciado temático para a Linguagem Documentária adotada pelo sistema.

A identificação do tema, ou macroestrutura de um texto (VAN DIJK; KINTSCH, 1983), é o elemento principal a ser identificado. É em torno dele que se organiza o texto.

No caso de um texto dissertativo acadêmico (dissertação ou tese), tal como esquematizado no Quadro 1, enuncia-se a questão de pesquisa como um problema que merece ser investigado. Após oferecer uma hipótese de solução e observar metodicamente as possibilidades de responder à questão de pesquisa, apresenta, na conclusão, a possível resposta para o problema. Nessa medida, o tema, via de regra, pode ser identificado tanto no segmento em que se apresenta o problema de pesquisa, quanto nas conclusões.

Quadro 6 - Estrutura do texto canônico dissertativo

SUPERESTRUTURA	INDEXAÇÃO
TEMA	
PROBLEMA	
HIPÓTESE	
METODOLOGIA	
RESULTADOS	
CONCLUSÕES	

Fonte: elaboração própria.

No Quadro 7 apresentamos a superestrutura de textos que pretendem defender um ponto de vista, contrapondo-o a outros. A tese

é o ponto de partida que orienta a organização do texto. Portanto, na indexação, os constituintes a serem analisados são a Tese e as conclusões.

Quadro 7 - Estrutura do texto argumentativo (polêmico)

SUPERESTRUTURA	INDEXAÇÃO
TESE	
ARGUMENTOS	
CONCLUSÕES	

Fonte: elaboração própria (2019).

Em face de um texto com a estrutura esquematizada abaixo, que na Linguística do texto é denominado expositivo, a leitura deve se concentrar no Problema e na Solução do Problema.

Quadro 8 - Estrutura do texto expositivo

SUPERESTRUTURA	INDEXAÇÃO
PROBLEMA	
CAUSAS	
SOLUÇÃO	

Fonte: elaboração própria.

O Quadro 9 apresenta a estrutura do texto descritivo. Este tipo de texto tem como núcleo temático um objeto concreto ou abstrato, sobre o qual são atribuídas características. Na indexação, o enunciado temático será elaborado com base no objeto do mundo.

Quadro 9 - Estrutura do texto descritivo

SUPERESTRUTURA	INDEXAÇÃO
OBJETO DO MUNDO	
PREDICADOS	

Fonte: elaboração própria.

O Quadro 10 esquematiza o texto narrativo. Este se apresenta como um relato que envolve um sujeito (actante) que realiza alguma ação (o que), contextualizado no espaço e no tempo. O tema, portanto, surge da identificação dos quatro constituintes destacados. O como e o porquê nem sempre estão presentes em textos narrativos técnico-científicos.

Quadro 10 - Estrutura do texto narrativo

SUPERESTRUTURA	INDEXAÇÃO
QUEM	
O QUE	
QUANDO	
ONDE	
COMO	
PORQUÊ	

Fonte: elaboração própria.

Na indexação dos tipos de textos apresentados acima, após a identificação do tema, elabora-se um enunciado temático que será convertido (traduzido) em descritores que sinalizam o assunto do documento. O uso das linguagens documentárias para representar conteúdos informacionais é uma operação de inclusão dos textos em classes. Assim, instaura-se uma nova ordem de sentido porque os textos são generalizados pelo apagamento dos traços que individualizam os textos.

4.4 REPRESENTAÇÃO POR RESUMOS

O **resumo** é um novo texto que representa o original de forma **condensada**, enquanto a **indexação** representa o assunto do documento por meio da justaposição de termos (descritores) de uma Linguagem Documentária. É útil relembrar aqui o conceito de Análise documentária. Segundo Jean-Claude Gardin, o criador da Análise documentária, esta é um “[...] conjunto de procedimentos utilizados para exprimir o conteúdo dos documentos científicos sob formas destinadas a facilitar a sua localização ou consulta.” (GARDIN, 1974, p. 48-49).

O resumo é um novo texto que supõe coesão e coerência, tanto quanto o texto de partida. É, portanto, uma representação mantém relação de semelhança e de contiguidade com o texto de partida.

Tal como na operação de indexação, a elaboração de resumos supõe a seleção de informações textuais, realizada com base na sua hierarquização. Segundo Van Dijk e Kintsch (1983), a superestrutura é um elemento fundamental para a compreensão dos textos porque: a) ele tem caráter convencional, sendo conhecido e reconhecido por uma comunidade linguística; b) a superestrutura configura-se como um esquema abstrato que estabelece a ordem global de um texto e se compõe de uma série de categorias, cujas possibilidades de combinação se baseiam em regras convencionais. O domínio das superestruturas permite um processamento *top-down* (dedutivo) coerente porque a leitura é feita com base em hipóteses e não pela construção do sentido através de processamento *bottom-up* (indutivo). (VAN DIJK, 1992).

Os passos da elaboração de resumos documentários podem, tal como na indexação, devem ser observados como objetivos e operações. O **objetivo** é produzir representações parafrásticas condensadas de um texto. As **operações** básicas são: identificar o tipo de texto (superestrutura) e selecionar nos constituintes as informações consideradas relevantes para a elaboração de diferentes tipos de resumos: resumo indicativo ou resumo informativo, propostas em normas de documentação. O resumo informativo supõe a condensação de cada constituinte da superestrutura e sua articulação, de modo a, em certas circunstâncias, substituir o texto de partida; o resumo indicativo, como o próprio nome sugere, é uma caracterização sumária do conteúdo. Para a elaboração de resumos, sugere-se a seleção de constituintes segundo o tipo de resumo pretendido.

Os quadros 11 a 15 apresentam a superestrutura de cada tipo de texto (segundo a classificação proposta no item 2.3 (Classificação de textos). Propõe-se que na elaboração de resumos informativos cada constituinte da superestrutura seja condensado e reestruturado em um novo texto coeso e coerente. No caso do resumo indicativo, propõe-se a inspeção e condensação dos constituintes destacados em cinza. O resumo indicativo é expresso também como um novo texto coeso e coerente.

Quadro 11 - Condensação do texto científico canônico

SUPERESTRUTURA	RESUMO INFORMATIVO	RESUMO INDICATIVO
TEMA		
PROBLEMA		
HIPÓTESE		
METODOLOGIA		
RESULTADOS		
CONCLUSÕES		

Fonte: Kobashi (1994).

Quadro 12 - Condensação do texto argumentativo (polêmico)

SUPERESTRUTURA	RESUMO INFORMATIVO	RESUMO INDICATIVO
TESE		
ARGUMENTOS		
CONCLUSÕES		

Fonte: Kobashi (1994, 2008).

Quadro 13 - estrutura do texto expositivo

SUPERESTRUTURA	RESUMO INFORMATIVO	RESUMO INDICATIVO
PROBLEMA		
CAUSAS		
SOLUÇÃO		

Fonte: Kobashi (1994).

Quadro 14 - Estrutura do texto descritivo

SUPERESTRUTURA	RESUMO INFORMATIVO	RESUMO INDICATIVO
OBJETO DO MUNDO		
PREDICADOS		

Fonte: Kobashi (1994, 2008).

Quadro 15 - Estrutura do texto narrativo

SUPERESTRUTURA	RESUMO INFORMATIVO	RESUMO INDICATIVO
QUEM		
O QUE		
QUANDO		
ONDE		
COMO		
PORQUÊ		

Fonte: Kobashi (1994, 2008).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos neste capítulo um conjunto de teorias e métodos para subsidiar a produção de informações documentárias. Nessa perspectiva, revisitamos, inicialmente, as teorias sobre a análise e a interpretação de textos desenvolvidas no campo das Ciências da Linguagem, com destaque para a Análise do discurso e a Linguística textual. Em seguida, foram abordados os conceitos de Texto, Tipos de textos, Tema, Estrutura temática, Macroproposição semântica e Superestrutura textual. A apropriação destes conceitos, como foi discutido, fundamentam as operações de condensação e representação de conteúdos.

As teorias sobre a interpretação, inspiradas na hermenêutica (RICOEUR, 1981), foram apresentadas e discutidas para aplicação na compreensão de textos. Abordamos os problemas da recepção com base na tricotomia proposta por Umberto Eco (2000) - *Intentio auctoris, intentio opera e intentio lectoris*. A abordagem de Eco coloca em cheque a ideia de que todas as interpretações de textos são válidas ao defender a leitura literal de textos. Com base nas categorias acima, demonstra que há interpretações corretas e incorretas. De fato, como os textos são elaborados com intenções comunicativas específicas, embora eles admitam diferentes leituras, há limites a serem considerados na interpretação. A Intenção da obra e a intenção do leitor são os parâmetros que permitem distinguir a interpretação correta da incorreta.

Apresentamos, ainda, o conceito de interpretação como tradução. Compreender um texto, nesta perspectiva hermenêutica, significa lidar com o problema da fidelidade da tradução em relação ao texto de partida (RICOEUR,1981). Torna-se evidente, nesta abordagem, a tensão que acompanha o processo de manter equivalência entre o texto de partida e o texto traduzido. Esta ideia da fidelidade é fundamental na Análise documentária porque as representações documentárias devem preservar a equivalência entre o texto fonte e as versões condensadas.

Definimos, em seguida, os tipos de informações produzidas no âmbito da organização de informações, que denominamos genericamente de **Informação Documentária**. Procuramos evidenciar a importância dos tipos de textos e respectivas estruturas textuais como paradigmas importantes para selecionar informação para os fins da elaboração de resumos e indexar. Com efeito, a equivalência entre textos e representações condensadas podem desempenhar o papel de filtros para selecionar informação pertinente apenas se forem mantidas as relações de contiguidade e de semelhança com o texto-base. Dessa forma, sugerimos a adoção de parâmetros de leitura e interpretação que possam guiar metodicamente o trabalho documentário, nas suas várias etapas, desde a seleção de dados até a combinação final dos dados obtidos em um novo texto.

Afirma-se, portanto, que as atividades documentárias, em particular a indexação e a elaboração de resumos, podem ser monitoradas. Portanto, deixa-se de lado a concepção de que a análise de textos depende apenas de talento e bom senso. Assume-se que, como em todo jogo de linguagem, a produção de informações documentárias será mais efetiva se realizada com base em regras explícitas.

A questão de fundo discutida deste capítulo deriva da ideia de que o texto não se oferece à compreensão de forma direta e imediata. Não é, portanto, uma tarefa trivial. Ao contrário, requer trabalho intelectual baseado em parâmetros conceituais e metodológicos que facilitem a apreensão do texto e a identificação e seleção de informação segundo o produto a ser elaborado.

Outro aspecto a ser problematizado é a noção de superestrutura, que não deve ser compreendida de forma dogmática, já que os textos concretos não são puros. A noção de dominância permite identificar a intenção comunicativa do texto e classificá-lo no interior de tipos. Deve-

se ter em mente, portanto, que criar classificações é realizar operações cognitivas de generalização. Nesse sentido, os modelos de estruturais textuais são abstrações que não captam todos os traços dos objetos do mundo. São sempre representações simplificadas do real.

Portanto, as informações documentárias retêm apenas os traços mais gerais dos textos, o que implica a perda controlada de informações. As informações documentárias não têm valor em si. Elas representam, não substituem os textos originais.

A metodologia de análise de textos aqui proposta vem sendo continuamente testada em cursos de graduação de Biblioteconomia e em cursos de atualização profissional. Esperamos que as ideias aqui apresentadas confirmem rigor ao fazer documentário e concorram para aprimorar a elaboração de representações e, em decorrência, ampliem as condições de difundir informação contida em documentos.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M. Pour une pragmatique linguistique et textuelle. In: REICHLER, C. *L'interprétation de textes*. Paris: Minuit, 1989. p. 183-219.
- ASTI-VERA. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre: Globo, 1979.
- BARROS, D. L. P. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.
- BUNGE, M. *La investigación científica*. Barcelona: Ariel, 1973.
- CITELLI, A. O. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1989.
- CORTINA, A. *O príncipe de Maquiavel e seus leitores: uma investigação sobre o processo de leitura*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris: Seuil, 1972.
- ECO, U. *Conceito de texto*. São Paulo: T.A. Queirós, 1979.
- ECO, U. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ECO, U. *Leitura do texto literário: lector in fabula*. Lisboa: Presença, 1983.
- ECO, U. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1988.

- GARCÍA GUTIÉRREZ, A.; LUCAS, R. *Documentación automatizada de los medios informativos*. Madrid: Paraninfo, 1987.
- GARDIN, J. C. L'analyse logiciste. In: GARDIN, J. C. et al. *Systèmes experts et sciences humaines*. Paris: Eyrolles, 1987. p. 17-26.
- GARDIN, J. C. *Les analyses de discours*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1974.
- GREIMAS, A.J. Le contrat de véridiction. In: GREIMAS, A. J. *Du Sens II: essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983, p. 103-113.
- KINTSCH, W.; VAN DIJK, T. Toward a model of text comprehension and production. *Psychological Review*, London, v. 85, n. 5, p. 363-394, set. 1978.
- KOBASHI, N. Y. *A elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia*. 1994. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- KOBASHI, N. Y. Linguística textual e elaboração de informações documentárias: algumas reflexões. In: GASPAR, N.; ROMÃO, L. M. S (org). *Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação*. São Carlos: EdUFSCAR, 2008. p. 47-66.
- LASSWELL, H. D. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, G. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional; EDUSP, 1971. p. 105-107.
- MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.
- OKASABE, H. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Kairós, 1979.
- RICOEUR, P. *Hermeneutics and the human sciences: essays on language, action and interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press; Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme, 1981.
- RICOEUR, P. *Sobre a tradução*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011.
- STIERLE, K. ¿Qué significa "repción" en los textos de ficción? In: BURGER, et al. *Estética de la recepción*. Madrid: Arco Libros S/A, 1987. p. 87-143.
- VAN DIJK, T.; KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. Orlando: Academic Press, 1983.
- VAN DJIK, T. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.